

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

O DISCURSO DO PROFESSOR-SUPERVISOR DO PIBID/LETRAS NA CIDADE DE UBERABA

Ana Paula de Castro

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar um recorte da pesquisa sobre a análise do discurso dos professores-supervisores do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência vinculado ao curso de Letras nas instituições de ensino superior de Uberaba. O problema a ser pesquisado pode ser definido pelo seguinte questionamento: Que posição o professor-supervisor assume na relação com os bolsistas de iniciação? Os objetivos específicos são: identificar as motivações que levam professores da área de língua portuguesa a integrar o Pibid e analisar suas concepções de linguagem. Utilizaremos, portanto, a metodologia qualitativa indiciária na análise dos discursos desses professores-supervisores. Todas as análises serão realizadas a partir do aporte teórico bakhtiniano, o qual concebe a linguagem como interação. A partir dessa análise, pretendemos produzir uma reflexão sobre a autonomia do professor-supervisor como coformador dos futuros professores da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Pibid. Discurso. Professor-supervisor.

1. Contexto da pesquisa: os espaços de formação e os lugares de formadores

A formação inicial nos cursos de licenciatura por muito tempo não priorizou a prática necessária para estruturar e orientar as ações pedagógicas. Segundo Tardif (2005), a prática educativa e o ensino são formas de agir plurais que mobilizam diversos tipos de ação aos quais estão ligados saberes específicos (2005, p.153). Gatti (1991)

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

salienta, já no início da década de 90, a importância de se vincular os cursos de licenciatura à realidade da escola (ANDRÉ, 2010, p. 124). Dessa forma, as reformas implantadas nos últimos anos vêm valorizar os cursos de formação inicial de professores e, conseqüentemente, seus formadores a fim de se obterem melhores resultados na formação dos novos profissionais da educação. Prova disso são as decisões tomadas pelo CNE (Conselho Nacional de Educação) que, em 2002, resolveu estabelecer alguns princípios norteadores, tais como: a existência de coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do professor, dentre outros (ANDRÉ, 2010, p. 123). Dessa forma, o governo federal, por meio da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – criou o Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - a fim de incentivar a docência por meio da inserção dos alunos dos cursos de licenciatura nas salas de aula de escolas públicas.

Embora o Pibid tenha objetivos claramente definidos de valorização e de incentivo ao magistério, de mobilização da teoria para a prática, de transformação da escola pública em espaço de aprendizagem e dos professores em coformadores, acreditamos que ainda haja dificuldades na aplicação do programa mobilização de teorias, incorporação do papel do formador, organização do tempo, dedicação ao estudo, retorno às formações, confecções de relatórios das atividades para a universidade, utilização de tecnologias, assimilação de alguns conhecimentos científicos, vinculados ao discurso da universidade, relacionamento bolsistas/alunos, acesso aos espaços da escola. Todas essas dificuldades estão relacionadas ao papel que o professor-supervisor exerce nas situações de orientação e que, particularmente, vivenciamos quando exercíamos esse papel.

A motivação para se realizar esta pesquisa surgiu a partir de uma experiência pessoal com o Programa e busca colocar em evidência o processo de formação inicial que passa pelo Pibid, juntamente com a figura do professor-supervisor. O problema a ser pesquisado pode ser definido pelo seguinte questionamento: Que posição o professor-supervisor assume na relação com os bolsistas de iniciação? O objetivo deste estudo é analisar o discurso que os professores-supervisores sustentam a partir da posição que

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

ocupam como sujeito de conhecimento inserido na escola básica, nas situações de orientação aos bolsistas de iniciação à docência. Para isso, buscamos identificar as motivações que levam professores da área de língua portuguesa a integrar o Pibid, analisar as concepções de linguagem ao assumirem o papel de coformador, dentre outros que estarão na versão final da pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa indiciária, baseada no historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três supervisores de duas instituições de ensino superior de Uberaba, além de gravações em áudio de reuniões e oficinas aplicadas pelos bolsistas de iniciação em sala de aula com alunos das instituições públicas. As análises serão realizadas a partir do aporte teórico bakhtiniano, o qual concebe a linguagem como interação. A partir dessa análise, pretendemos produzir uma reflexão sobre a autonomia do professor-supervisor como coformador dos futuros professores da Língua Portuguesa.

O trabalho se justifica por trazer para o campo acadêmico, por meio da análise dos discursos, as posições assumidas pelos professores-supervisores na relação com os professores-coordenadores e bolsistas de iniciação, bem como suas orientações, ideologias, anseios, experiências, enfim suas habilidades e identidade profissional.

Uma pesquisa que analise o discurso dos professores-supervisores do Pibid de diversas áreas é nova e extremamente relevante, pois permite avaliar como os programas de incentivo à docência têm sido recebidos e exercidos pelo conjunto universidade/escola.

2. Pibid: Um caminho a ser construído

O Pibid é um programa do governo federal que visa à valorização da formação de professores bem como o incentivo à carreira docente. Além disso concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

rede pública de ensino. O programa foi implantado oficialmente pela portaria normativa número 38 do Diário Oficial da União dia 12 de dezembro de 2007.

O Pibid promove a inserção de alunos de cursos de licenciatura no contexto escolar desde o início de sua formação a fim de que possam desenvolver habilidades didático-pedagógicas sob a coordenação do professor de licenciatura e a supervisão de um professor da escola. Além de valorizar o território educacional, representada no programa pela escola pública, o Pibid ainda busca incentivar o diálogo com outras disciplinas e o estudo de teorias contemporâneas. Dessa forma, o Pibid incentiva e promove a formação continuada dos docentes, estabelecendo periodicidade de encontros entre seus membros e registro de atividades desenvolvidas.

A Capes, por meio dessa portaria, permite ainda que o Pibid institucional utilize os recursos destinados ao programa para inúmeras situações em que há promoção de eventos científicos, apresentação de trabalhos, atividades desenvolvidas na escola, dentre outras, demonstrando, assim, a concepção de uma formação docente voltada para a pesquisa, mas, principalmente, pautada no contexto escolar.

3. Quando o discurso é o corpus da pesquisa

Como corpus da pesquisa - e aqui concebemos corpus como Elena Tognini-Bonelli (2011) apresenta: uma coleção de textos presumidamente representativa de uma dada língua que é compilada para que possa ser utilizada na análise”(TOGNINI- BONELLI, 2011) - o discurso dos professores-supervisores em situação de orientação aos bolsistas do Pibid.

O discurso é o objeto concreto no qual se pode interpretar relações sociais, momentos históricos, posições assumidas pelos sujeitos. É por meio do discurso que se materializa pensamentos, ideias, sentimentos, dentre outros elementos. Foucault (1926-1984) afirmou que “uma unidade do discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam” (FOUCAULT, 2010, p.37). Por isso, o discurso dos professores-supervisores tornar-se-á o material de análise das concepções acerca da língua, da educação, da formação inicial, enfim, do momento histórico em que as

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

transformações educacionais estão ocorrendo, sendo contraposto nos diversos lugares de onde e para quem se fala.

Ao escolher o discurso de professores-supervisores para se fazer análise, o que se busca é trazer para a pesquisa todos os elementos inerentes a esse corpus: as produções textuais, as condições de produção, a construção do sujeito e sua relação com os outros, confirmando o que Charadeau (2011) afirma: “ O discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam”(CHARADEAU, 2011).

Bakhtin (1929) afirma que, para haver uma análise fecunda dos enunciados, “é indispensável compreender o tipo de discurso e as regras sociológicas que o regem”. Para ele, a linguagem é um

sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado. (BAKHTIN, 1995)

Nesse sentido, buscamos instrumentos que possibilitassem a coleta de dados com variedade de situações em que os discursos dos professores-supervisores se fizeram presentes e onde se podia observar seus posicionamentos. Construiu-se, assim, um recorte do processo de formação dos licenciandos em letras no Pibid por meio dos discursos dos professores-supervisores, o que será, para nós, objeto de análise e reflexão. A metodologia adotada para realizar este trabalho é a qualitativa indiciária que orienta a descrição e a análise dos discursos dos professores-supervisores nas diversas situações de orientação aos bolsistas.

Portanto, ao buscar analisar a linguagem dos professores-supervisores do subprojeto de Língua Portuguesa das duas instituições, não se almeja analisar situações discursivas que se repetem, mas particularidades, detalhes, indícios, pistas, sintomas, enfim minúcias que revelam regularidades ou irregularidades discursivas.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

Neste trabalho, há de se considerar ainda os sujeitos envolvidos, bem como as condições de produção dos discursos presentes nas interações entre coordenadores, supervisores, bolsistas e alunos. A pesquisa foi realizada com três professores-supervisores de duas instituições. Com eles foram feitas entrevistas e acompanhamentos por meio de gravação em áudio de pelo menos uma oficina e uma reunião com os coordenadores de área. As entrevistas permitiram, ainda, aos participantes da pesquisa exporem sua visão particular sobre o Programa, professores-coordenadores, alunos-bolsistas, concepções acerca da linguagem e da formação inicial atual, dentre outros assuntos.

Por fim, foram feitas integralmente as transcrições das entrevistas com os professores-supervisores, além de alguns discursos relevantes realizados nas reuniões e oficinas. Para organização das sequências discursivas, foram criadas as seguintes abreviações:

IES1 – INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR IES2 – INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR S1 – PROFESSOR-SUPERVISOR S2 – PROFESSOR-SUPERVISOR S3 – PROFESSOR-SUPERVISOR

O corpus foi delineado de forma que respondesse às questões necessárias para se alcançarem os objetivos da pesquisa, ou seja, de forma que se verificassem os discursos dos professores-supervisores e a posição que assumem na relação com os bolsistas de iniciação. Dessa forma, os discursos dos professores-supervisores foram organizados após a referência ao objetivo e aos questionamentos.

4. Discurso: o que há por trás das palavras

Etimologicamente, discurso vem do latim, e tem o sentido de ação de correr para diversas partes, de tomar várias direções (HOUAISS, 2001), o que pode contribuir para entender os significados oriundos desse léxico que se tornou o material principal de uma abordagem linguística além da materialidade sígnica do que propôs a linguística saussurreana. O discurso seria, descrevendo de forma sucinta, a ação interativa entre os falantes. No entanto, essa relação envolve vários elementos externos à língua, os quais

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

foram negligenciados pela linguística proposta por Ferdinand Saussure e outros estruturalistas que optaram por analisar a língua como forma abstrata, valorizando, dessa forma, um lado da dicotomia *langue/parole*, no caso, apenas a *langue*.

Bakhtin afirma que “as palavras são tecidas de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. Portanto, a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN, 1929/1995, p. 41), ou seja, o discurso que é essa interação entre os falantes se dá por meio de palavras que, em si, são neutras, mas que, na interação com outro, recebem valor semântico diferenciado conforme a situação em que é utilizada.

Ao se propor a análise do discurso de um sujeito que participa de um grupo de supervisores de um projeto de incentivo à docência, busca-se indícios em que se revelem um pouco dos processos de constituição desse sujeito no que se refere à língua, à posição que se ocupa, à formação inicial e à prática em sala de aula, já que o signo é constituído de seu encontro com o mundo. Para Bakhtin,

É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: o organismo e o mundo encontram-se no signo. A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis porque o psiquismo interior não deve ser analisado como uma coisa; ele não pode ser compreendido e analisado sendo como um signo. (BAKHTIN, 1995, p. 49)

É por meio do discurso, no nosso caso, a gravação em áudio da entrevista e falas dos professores-supervisores, que o significado das palavras vinculadas ao contexto histórico se torna material de análise, afinal a “o que faz da palavra uma palavra é sua manifestação” (BAKHTIN, 1995, p. 49).

A produção dos discursos se dá em contextos específicos, marcada por coerções e exigências sociais. Por isso é necessário também evocar as concepções desenvolvidas por Michel Foucault (1997) a respeito do discurso e das formações discursivas. Michel Foucault, filósofo do século XX, desenvolve seu pensamento sobre a pós-modernidade de forma a estabelecer relação entre poder e conhecimento. Foucault, ao elaborar seu pensamento, utilizou das realidades vividas por aquelas pessoas consideradas “escória

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

da sociedade”, muitas vezes que trazem insegurança e são vistas com desconfiança, a saber: detentos, loucos, soldados, também crianças e estrangeiros. Essa escolha não se deu aleatoriamente, já que buscava demonstrar como o poder é exercido por meio de discurso pré-estabelecidos. Dessa forma, recorreu a presídios, hospícios, onde o discurso é construído a partir de vários discursos e imposto a fim de se manter a “ordem” na sociedade.

Para Foucault, a formação discursiva não é um livro com autoria coletiva ou um edifício construído progressivamente, mas a descrição das regras, ou “que estabelecem a regularidade nos enunciados. Por isso,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras, demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. (FOUCAULT, 1997, p. 43)

Portanto, ao verificar as regularidades presentes nos discursos, constatam-se as condições que fazem com que os discursos se mantenham ao longo de um período.

5. Iniciando as análises

Apresentamos aqui apenas as análises das entrevistas, sendo que as análises dos discursos realizados em oficinas e reuniões serão abordadas no final da pesquisa.

Identificar as principais motivações que levam professores da área de língua portuguesa a integrarem o Pibid.		
O QUE O LEVOU A SE TORNAR PROFESSOR-SUPERVISOR?		
IE1/S1	IE1/S2	IE2/S3
Eu recebo muitos alunos estagiários da UFTM, da FAZU, da UNIUBE. E eu gosto de receber porque eu acho que tenho que receber porque como professora	Eu sempre tive interesse no projeto, não conhecia de perto, mas já sabia no que consistia, incentivo à docência, achei interessante, uma vez que os profissionais	Então... foi assim... eu já tinha ouvido falar do PIBID, mas chegou em email na escola, a diretora propôs que a gente fosse lá fazer o processo seletivo, fui com

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

tenho que colaborar, ajudar, às vezes a gente tem até que ensinar porque eles saem da faculdade sem saber dar aula, sabem o conteúdo, mas não sabem o processo de uma sala de aula, aí, sabendo do projeto, esse projeto PIBID, eu percebi que poderia receber mais e seria mais sério ainda porque os meninos estão no projeto e levam mais a sério que no próprio estágio.	estão cada vez mais escassos e cada vez mais despreparados, então eu acredito que um projeto dessa forma poderia auxiliá-los no momento que eles ingressassem na profissão.	poucas expectativas, não sabia como ia ser avaliado, mas me chamou muita atenção porque tinha o subprojeto né, e o subprojeto da minha coordenadora era tudo que eu estava buscando, aí eu fui, cheguei até lá, fiz o processo, consegui a vaga, trouxemos o PIBID para a escola.
--	---	---

Ao analisar os discursos dos professores-supervisores da IES1 sobre os motivos que os levaram a exercer essa função, observamos que afirmam que a motivação maior para fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é colaborar com a formação dos futuros docentes de Língua Portuguesa. Esse discurso está relacionado à característica do docente em querer sempre auxiliar alguém em uma tarefa, função relacionada ao papel social que o professor exerce e que, segundo afirmam Mellouki e Gauthier (2004) faz parte da identidade do profissional da educação. Para Durkeim (1938), “a tarefa fundamental do professor é moral, ou seja, social”. O professor deve então “ Preparar a criança (e aqui expandimos a reflexão para os bolsistas de iniciação) para o exercício de suas funções sociais, não fazendo a viver um mundo ideal” (DURKHEIM, 1938 apud MELLOUKI & GAUTHIER, 2004, p. 548)

Esse “desejo” em participar do processo de formação dos futuros docentes como um fenômeno pode ser tido como um fenômeno associado ao que os autores Tardif e Lessard (2005) elencam como uma das constatações de sua tese: a docência está longe de ser uma ocupação secundária na hegemonia do trabalho material. Para eles, a docência é a chave para entender as transformações ocorridas nas sociedades de trabalho.

Tardif e Lessard (2005) ainda afirmam que o trabalho docente é um ofício interativo, ou seja, dependente das relações humanas, e como está cada vez mais em

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

alta, contrariando as análises marxistas que acreditam que seria o trabalho técnico, voltado para os bens materiais.

O discurso do professor-supervisor S1/ IES 1 mostra que essa atitude de receber alunos das universidades de Uberaba em sala de aula é uma atitude pessoal antiga. O professor-supervisor justifica sua adesão ao programa afirmando que agindo assim, poderá receber mais (referindo-se ao número de alunos) e de forma mais séria. Esse discurso demonstra como o estágio obrigatório perdeu a credibilidade dentro da escola devido ao modo como muitas instituições o aplicavam/aplicam.

Essa concepção de estágio tem sido modificada nos cursos de licenciatura e que, atualmente, há uma preocupação com a prática reflexiva e também com a aproximação das instituições de ensino superior com a escola, espaço real de aprendizagem.

A respeito do discurso do S2/IES1 sobre “a escassez e o despreparo dos profissionais” docentes, podemos analisar como própria do cotidiano da escola, já que os termos escassez e despreparo são recorrentes no meio desses profissionais. O que o professor-supervisor afirma é consequência de um fato que, talvez, ele desconheça: a precarização do trabalho docente que tem recebido influência de vários fatores e acarretado muitas consequências para a educação de forma geral, inclusive o desinteresse pela profissão.

Dessa forma, o Pibid incentiva a docência, uma vez que permite ao licenciando a ter contato com seu público antes de finalizar sua formação, de experimentar os conhecimentos técnicos e pedagógicos e de desistir do curso, caso certifique-se de sua não aptidão com a sala de aula. Contudo a escassez de profissionais e o despreparo dos atuais docentes são indícios da precarização do trabalho docente, devendo receber políticas públicas específicas de valorização a fim de serem resolvidos alguns dos muitos problemas que geram a crise na educação.

Em relação ao discurso do professor-supervisor S3/ IES2, podemos analisar como se estivesse na expectativa de vivenciar o que o Pibid propõe ao dizer: era tudo que eu

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

estava buscando. O discurso em sua unidade remete a uma situação de conhecimento sobre o Programa, o convite, a busca e a surpresa em ser escolhida para fazer parte dele. Como se fosse um prêmio.

Enfim, os três discursos revelam que houve interesse dos três professores supervisores por motivos diferentes. O primeiro desejou participar do programa pelo simples fato de querer ajudar, o segundo pelo fato de achar a formação inicial dos licenciandos precária e o terceiro por querer fazer parte do programa. Entremado a esse discurso há outros motivos, como ajudar os futuros profissionais, incentivar a carreira entre os jovens, prepará-los adequadamente e fazer com que a escola participasse do subprojeto Língua Portuguesa. Dessa forma, podemos fazer a leitura de que o Programa é almejado não só pela formação que oferece aos bolsistas, mas pela satisfação de fazer parte do projeto de formação e também de inserir a escola nessa “onda”. Agora analisaremos os discursos sobre as concepções de linguagem de cada um:

Analisar as concepções de linguagem que permeiam o discurso e a prática do professor-supervisor na sala de aula e na orientação aos bolsistas de iniciação.		
QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM?		
IE1/S1	IE1/S2	IE2/S3
Eu acho que a linguagem tem que ser respeitada, certo. O aluno tem que ter discernimento do que é correto, certo e o que pode ser usado no dia a dia. Porque a linguagem todo dia muda. Não é fixa, né. Então tem que ter a	A linguagem, do meu ponto de vista, de acordo com meus estudos, é a maior forma de interação que existe, tanto oral, quanto escrita, tudo depende da linguagem. Quando você escreve alguma coisa, você não	Linguagem é transmissão de tudo que se pensa, do que se acredita, do que se fala espontaneamente, é a partir, não é a forma como se fala, é o que se deseja falar, a necessidade de se mostrar o que pensa, para mim

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

noção do que é correto para as horas de uso correto, tem os momentos que você precisa usar, adequar a linguagem, e tem aqueles momentos de grupos, aqueles mais....como é que eu posso dizer? Mais leve, mais <i>light</i> . Não precisa se preocupar muito. (Mais coloquial?) É, a linguagem mais informal, mais coloquial. Não deve também o aluno, você tem que fazer ele entender que tem os erros gramaticais e a linguagem informal, a coloquial, a despreocupada da gramática, e tem aquela rígida, que é a gramática.	escreve para você, você sempre pensa em quem vai ler, e quando você fala também, então é uma forma de interação, a maior forma de interação que existe.	isso é linguagem, através disso aí vem todo o resto. Entendeu? Você ensina, você dialoga, você troca experiência, você analisa, você lê, você entende.
---	---	--

Sobre as concepções de linguagem que cada professor-supervisor tem na orientação de seus trabalhos em sala de aula e, conseqüentemente, na orientação dos bolsistas de iniciação, destacamos algumas características presentes nos discursos desses profissionais.

O discurso do professor-supervisor S1/IES1 revela desconhecimento sobre o tema e/ou confusão a respeito da terminologia concepção de linguagem já que, em seu discurso, desenvolve ideias acerca da variedades linguísticas que também estão presentes nas práticas de linguagem, mas que não são exatamente uma concepção de linguagem.

Geraldi (1997), ao escolher a linguagem como “posto de observação”, defende um ensino em que se valorize a singularidade dos sujeitos que estão em contínua construção numa temporariedade determinada. Para isso, concebe a linguagem como processo interativo, em que os sujeitos se constituem à medida que vivenciam acontecimentos únicos. Essa concepção, oriunda dos estudos atuais sobre a obra de Mikhail Bakhtin, tem como pilares a relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a intenção de quem o produz e a interpretação de

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

quem o recebe. Portanto, mais do que ensinar os elementos e as normas que compõem a Língua Portuguesa, é necessário ensinar as Práticas de Linguagem da língua materna.

Também ao mencionar “O aluno tem que ter discernimento do que é correto, certo e o que pode ser usado no dia a dia.”, o discurso do professor-supervisor S1/IES1 revela uma crença na dicotomia certo/errado, contrariando algumas teorias, inclusive adotadas pelos PCN da diversidade.

O discurso do professor-supervisor S2/IES1 revela que sua concepção de linguagem relaciona-se com a ideia de interação. Além disso, o discurso desse professor-supervisor revela, a partir das expressões “maior forma de interação que existe, tanto oral, quanto escrita”, “Quando você escreve alguma coisa, você não escreve para você, você sempre pensa em quem vai ler, e quando você fala também”, a preocupação com o outro e com a situação em que é produzida a linguagem. Esse discurso se aproxima mais da concepção bakhtiniana a qual Geraldi (2007) se refere:

O discurso do professor-supervisor S3/IES2: “Linguagem é transmissão de tudo que se pensa, do que se acredita, do que se fala espontaneamente, é a partir, não é a forma como se fala, é o que se deseja falar, a necessidade de se mostrar o que pensa, para mim isso é linguagem” demonstra outra concepção de linguagem. Essa estaria relacionada à corrente teórica de 1970 que concebia a linguagem como comunicação de um conteúdo pronto, exatamente contrária à visão da língua tal qual Bakhtin e seus discípulos veem, produto de uma interação social. Essa corrente da qual o professor-supervisor S/IES2 compartilha, até o final dos anos 90, orientou muitos livros e até mesmo o nome da disciplina de Língua Portuguesa a qual era denominada Comunicação e Expressão.

Ainda sobre o discurso do professor-supervisor S3/IES2: “Você ensina, você dialoga, você troca experiência, você analisa, você lê, você entende.”, há a ideia de que a linguagem é algo que se transfere pronto, que não há obstáculos para a interpretação dos significados, que a linguagem não é algo a ser contruído.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

Dessa concepção a qual o professor-supervisor S3/IES2 se refere, surgem vários equívocos, sendo o maior deles acreditar que, se o aluno não aprende, não entende, o problema está nele ou em quem ensina.

Essas concepções presentes na escola básica por meio de discursos e trabalhos realizados pelos professores acabam por interferir na formação inicial dos futuros professores de Língua Portuguesa ao se defrontarem com a visão que os bolsistas de iniciação têm da Língua e das aulas de Língua Portuguesa. Essa situação, muitas vezes, influencia no discurso de autoridade do professor-supervisor sobre o assunto, já que ignora ou não compactua da mesma abordagem teórica proposta pela Universidade.

Geraldi (1997) proporá um caminho que seja construído junto com os alunos, uma posição de aprendiz, e não detentor do conhecimento pronto, engessado. Um conhecimento que ultrapasse os limites da reprodução e se torne reflexão. u

6. Considerações finais

Buscou-se, neste artigo, apresentar brevemente a pesquisa que está sendo “gestada” no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da UFTM. Provavelmente, esse estudo não trará respostas ao problema em questão, mas ajudará a refletir sobre como o professor-supervisor constrói seu discurso e o que esse discurso revela a respeito dos processos de formação inicial dos alunos de Letras na cidade de Uberaba e também o de formação continuada dos profissionais da educação básica inseridos no Programa.

7. REFERÊNCIAS

ALTET, Marguerite; PAQUAY, Léopold & PERRENOUD, Philippe (org). **A profissionalização dos formadores de professores**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed. 2003

ANDRÉ, Marli et all. **O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo**. Disponível em

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

<<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1593/1315>> acesso em 6 de fev. 2015

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução: Lahud, Michel, Vieira, Yara. São Paulo. Hucitec. 1995.

BARBOSA, Marinalva Vieira. **O discurso emotivo nas interações em sala de aula**. São Paulo: Annablume. 2010.

BORGES, Maria Céltia. AQUINO, Orlando Fernández; PUENTES, Roberto Valdés. **Formação de Professores no Brasil: história, políticas e perspectivas**. In: REVISTA HISTEDBR online, Campinas, n.42, pp:94-112, jun.2011.

BRAIT, Beth. (org). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2008.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP.2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática**. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol.10. dez.2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. Caderno de Pesquisa. N.114. pp: 197-223. nov/2001. Fonte: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf> > Acesso em: 02 mar. 2015.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Ed. Forense Universitária - RJ, 1987.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias Críticas e Subjetivação: Uma pesquisa foucaultiana**. Petrópolis. Vozes. 2002.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens**: Estudos bakhtinianos. São Carlos: 2010.
_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

GHEDIN, E. et al. **Formação de professores**: caminhos e descaminhos da prática.
Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado**: novas tendências.
Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez. 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

MELLOUKI, M' Hammed. GAUTHIER, Clermmont. **O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico**. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21468.pdf>> Acesso em: 20 de jun. 2015

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SELWYN, NEIL. **O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 815-850, out. 2008.

SOARES, M. B. **Português na escola** – História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUZA, João Valdir Alves de.; NUNES, Clara., et al (org). **Formação de Professores para a educação básica**: dez anos de LDB. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Peirópolis. Vozes.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

THERBORN, Goran. *The ideology of Power and the Power of Ideology*. London, Verso. Trad. Jair Pinheiro e Lúcio Flávio de Almeida, ambos membros da NEILS.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Educação e governamentalidade neoliberal*: novos dispositivos, novas subjetividades. In: BRANCO, Guilherme Castelo.; PORTOCARRERO, Vera. (org). Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: NAU. 2000